

Redacção, administração
e officina de composição
R. DE S. MARTINHO

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRETOR
Manuel Baptista Torres
Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 403

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º Anno

O CASO HOMEM CHRISTO

HISTORIA RESUMIDA

Como começou a questão

Foi em 27 de janeiro que o sr. Homem Christo, fiel ás doutrinas da sua vida politica, combateu mais uma vez n'este periodico a mania das egrejinhas, tão antiga no partido republicano e sempre tão prejudicial aos principios democraticos.

O artigo intitulava-se *Centros Republicanos* e d'elle recortamos estes periodos:

«Sempre pateámos esta mania de egrejinhas, de santinhos, esta idolatria pelintra, este fanatismo revoltante. Ha vinte e cinco annos que damos pateada. E com a velhice não abrandámos. Redobrámos.

Nós estamos aqui para educar homens e não para crear e alimentar idiotas. Isto é um grande partido de idéas e não uma grande confraria de beatos.

Que os beatos, ao menos, só canonisam os seus idolos depois de mortos. Ouviram os senhores republicanos? Depois de mortos!

Que auctoridade tem os senhores para clamar contra o fanatismo religioso?

Para zombar do culto externo?

Para censurar a liturgia catholica?

A Egreja é muito mais escrupulosa e muito mais correcta. A Egreja não proclama um santo senão depois d'um demorado processo. E é condição essencial que as carochas hajam deixado em paz o nariz do santo. N'este nosso partido republicano bastam seis idiotas para arvorar em santo o primeiro diabo ratado e carochado que appareça.

Pois é sério? E' digno?

Porque, se, ao menos, todo este *Flores-Sanctorum* republicano fosse constituído por venerandas mumias, por inatacaveis carcaças, deante das quaes os vermes houvessem recuado respeitosos, vá lá com Deus ou com o Diabo. Mas se alguns, coitados, não tem por onde se lhes pegue?

Quando o partido republicano surgiu, essa homenagem, em regra, só era prestada aos mortos illustres. E o nome d'esses mortos illustres era sempre indicado por vivos illustres.

Havia o *Centro Mousinho da Silveira*, o *Centro Fernandes Thomaz*, o *Centro Gomes Freire d'Andrade*, *Passos Manuel*, *Henriques Nogueira*, etc., os grandes iniciadores do movimento democratico em Portugal. Hoje reúnem-se seis pandegos em qualquer *Perna de Pau*, no *Successor do Collete Encarnado*, se o primitivo já não existe, ou na *Gova da Onça*, e decretam, na alegria da sobremesa, a creação d'um novo centro republicano com o nome do compadre do mais influente do grupo. E o compadre, consultado no dia seguinte, em lugar de ter o bom senso de mandar os do grupo á lava, desfaz-se em sorrisos, corcova-se em agradecimentos, leva as mãos á bocca como os homens do circo, e, muito contrafeito, cheio de modestia, allegando que os seus meritos, virtudes e mais partes não são para tanto, digna-se comtudo, violentado, dar o seu consentimento.

Tenham juizo!
Isto não é um partido d'aldeia. Nem sómente pelo tamanho Lisboa e Porto se devem distinguir de Paio Pires.

Tenham juizo!

Não houve em todo o artigo uma palavra offensiva para algem. Nem a menor referencia pessoal de caracter injurioso. Mas bastou ser escripto a proposito do centro João Chagas, cuja inauguração se annunciava, para que ficassem furiosos os da facção Bernardino Machado-Afonso Costa.

Tendo Bernardino Machado sustentado doutrina contraria á que fica exposta, afirmando no Porto

a necessidade d'uma religião republicana e aconselhando a idolatria dos santos d'essa nova religião, o sr. Homem Christo voltou ao assumpto em 10 de fevereiro, escrevendo, sob o titulo *Democracia*, um artigo que o *Povo de Aveiro* n'esse dia publicou. Eis alguns dos periodos mais salientes d'esse artigo:

«Se a idolatria é má em todas as religiões, é detestavel perante a democracia, é contraria a todos os cultos e a todos os dogmas. E prejudicialissima ao partido republicano portuguez, onde sempre se exerceu e está exercendo por processos inadmissiveis no proprio catholicismo.

Como já se disse n'este semanario, Roma não proclama os seus santos senão depois d'elles terem morrido. Mesmo assim, é indispensavel, supomos, que os vermes hajam respeitado o morto no fundo da terra. Forma-se um processo, manifesta-se sobre elle um tribunal, emfim, guardam-se, ao menos na apparencia, as formulas do decoro publico.

No partido republicano portuguez nada d'isso succede. Meia duzia de individuos canonisam em Lisboa S. Botto Machado. Outros tantos canonisam no Porto Santo Alfredo de Magalhães. Amanhã será canonisado São Luiz Derouet. E assim por deante. Ora Deus nos livre de contestar as virtudes e mais partes de tão respeitaveis cavalheiros. O sr. Botto Machado é um verdadeiro gentilhomem. O sr. Luiz Derouet—dizem-nos, que não temos a honra de o conhecer, como a nenhum dos outros citados cavalheiros—é um moço cheio de esperanças, com um livro já traduzido em francez, já louvado em periodicos da *estrangeria*, emfim, dando esperanças, prometendo glorioso futuro por todos os lados e sob todos os aspectos. O sr. Alfredo de Magalhães é um medico talentoso. Ninguém o viu a quebrar montantes no partido republicano senão quando o sol surgiu de novo para esse partido. Mas que viva, mas que vivam em todo o cheiro de santidade que a elle ou aos outros lhes queiram attribuir. Simplesmente, esperem que elles morram, que ninguém está livre de escorregar e quebrar uma perna enquanto é vivo, e mesmo depois de mortos guardem o decoro que guarda o catholicismo. Formem processo e reúnam a congregação antes de atirarem com o nome do santo á idolatria dos fiéis.

E quando dizemos isto é para todos. E' para o sr. Bernardino Machado, é para o sr. Guerra Junqueiro, é para o sr. Theophilo Braga, é para o sr. Manuel d'Arriaga, quanto mais para o sr. Alfredo de Magalhães, para o sr. Botto Machado, e para o sr. Luiz Derouet que ainda não está canonisado mas que já vemos despontar nos céos da bemaventurança montado n'uma nuvem d'ouro, guiada pela mão e figura radiosa de Bernardino Machado e com um cortejo de creaturas angelicaes agitando flammulas e berrando hosannas. Note-se, e serão coherentes creando mais esse ou outro novo santo. O perigo, o inconveniente, todo o inconveniente, está exactamente no facto d'uns serem santos e d'outros não o serem. Na nossa opinião não o deve ser nenhum. Mas se querem que haja santos, então sejam no todos. D'outra forma já não ha religião, como pretende o sr. Bernardino Machado, mas religiões dentro da religião, mas seitas, mas conventiculos, egrejinhas, capellinhas, como desgraçadamente tem havido e ha dentro do partido republicano, com gravissimo prejuizo da sua educação, da sua orientação e da sua força.»

«Mettam-se na cabeça d'um patetinha que dá pelo nome de Luiz Derouet, especie d'anjo papudo da egrejinha do Mundo, e ao mesmo tempo pagem, ao que parece, do sr. Affonso Costa, que o tinhamos tomado a sério como figura valiosa do republicanismo indigena e diz-nos que *he' namos sem duvida dizer as ultimas, como é costume nosso sempre que algum discorda da nossa opinião ou nos retruca mais azedamente.*

Não, pateta, não. Patetinha das duzias. Temos mais que fazer, por um lado, e pelo outro. O Luizinho tornou-se tão ridiculo em vir a campo armado de ponto em branco pelas inoffensivas palavras que dissémos aqui a seu respeito, e escreveu tanta baboseira, que nos ariscaámos a cahir também no ridiculo se dessemos ao Luizinho maior importancia do que aquella que o Luizinho merece. Vemos que os da egrejinha dêram uma casca dos diabos. Já sabiamos. Mas eis, na quichotesca e asnatica arremetida de Luizinho, a prova real. Muito bem. Isso basta-nos. Continuaremos na primeira occasião. Esteja certo, Luizinho! Esteja certo. Mas embora não estejamos dispostos—agora menos do que nunca—a pôr de parte o Luizinho como symbolo das egrejinhas republicanas, ao Luizinho, propriamente, não queremos mal nenhum. Pelo contrario. O nosso desejo vehemente é que Luizinho conserve a aureola virginal que o ha de levar, como prophetisámos, á corte dos céos.

Não senhor. O Luizinho ha de ter centro republicano, porque não é menos do que os outros. Antes é mais. Pelo menos no retrato. Não conhecemos o preclaro cidadão. Mas pelo retrato é o republicano mais lindo da republica nacional. Ora saiba o Luizinho que a for-

medida foi sempre uma das melhores condições de canonisação.

Reciba os nossos parabens e os nossos votos de felicidade.

Fica contente o Luizinho? Não podemos ser mais dóce, mais amavel.

Se não fica contente, então só ha um remedio. Vá... até Palmella, que são bons ares. E ha de ver que volta de lá refrescado e... regalado.

Adeus, Luizinho, adeus.

Até quando calhar.

Mas que pateta! E como ficamos ansioso pelo dia em que o nosso prezadissimo amigo Bernardino Machado ha de conduzir mais este lumiar da egrejinha do Mundo á immortalidade!

Depois das insolencias do artigo do *Jornal de Abrantes* isto era quanto de mais moderado se podia escrever.

Taes foram as origens da questão, que muitos dos actuaes leitores do *Povo de Aveiro* desconhecem por inteiro, e de que outros muitos já se não recordam com a necessaria precisão, pedindo-nos sobre ellas, todos os dias, esclarecimentos. Ficam agora satisfeitos os seus desejos.

A pendencia filiou-se n'uma questão de principios, como se tem filiado todas para nós. Duas correntes se estabeleceram contra o sr. Homem Christo. A corrente dos patifes completos, nos quaes se manifesta descaradamente, infamemente, vilmente, todo esse desgraçado espirito de quadrilha, de bandidismo, que tem sido um dos tristes apanagios da raça portugueza. Para esses, é muito bem feito tudo quanto succede ao sr. Homem Christo. Para esses, o sr. Homem Christo continua a ser um *vendido á monarchia*. Que se não tenha pena d'elle, que a monarchia *lhe dará ás escondidas o que lhe arranca ás claras*. E a corrente dos patifes incompletos, e dos tolos, nos quaes predomina essa outra manifestação atavica de estupidez e covardia civica, também infeliz, também triste, que igualmente nos tem marcado como um estigma de raça atravez da historia. Estes lamentam a situação do sr. Homem Christo. Mas que foi elle que a creou! Mas que elle teve sempre o mau sestro de não poupar as pessoas! Mas que elle se devia ter dedicado exclusivamente á propaganda de doutrina, em que era *emerito*!

Famosa estupidez, famosa covardia, e como aquelle homem tem sido mal comprehendido!

Como já dissémos no artigo que, sob o titulo *Um Santo*, foi publicado no numero anterior do *Povo de Aveiro*, o sr. Homem Christo nunca tratou mal Bernardino Machado. Mas, também, nunca enfileirou na sua *claque*, por mais esforços que se fizessem para o *attrahir*. O sr. Homem Christo entendia que era mau correr á vassoirada essa figura decorativa. Mas que era pessimo deixa-lo satisfazer a ambição louca—o seu sonho allucinante, a sua preocupação de toda a hora—de empolgar a direcção exclusiva, absoluta, do partido republicano portuguez.

Ora o que succedia ultimamente? Succedia que, por um d'esses recuos, umas d'essas incoherencias, uma d'essas fraquezas tão proprias d'este misero caracter nacional, os que mais tinham manifestado o proposito de correr á vassoirada Bernardino Machado eram exactamente os que se rendiam, por fim, á sua discreção. Bernardino Machado trouxera para o partido republicano os dois vicios fundamentais da monarchia: o vicio de conselheiro e o vicio d'eleicoeiro. Ao principio quiz-se impôr á má cara, como conselheiro.

chado e Derouet, é licito perguntar: de que affrontas, de que injurias tinham a queixar-se esses senhores?

Este ponto é capital, já que tanto se fala nos *processos d'ataque* do sr. Homem Christo. Os processos d'ataque do sr. Homem Christo nunca revestiram a forma desbragada que revestem os processos d'ataque de quasi todos os outros jornalistas republicanos. Simplesmente, os jornalistas republicanos, que querem dizer tudo quanto ha aos seus adversarios, não admittem que se lhes dirija, a elles, a menor censura ou ironia.

Não conhecemos o sr. Alfredo de Magalhães. Mas tendo-o ouvido ha muitos annos, logo que sahiu da escola medica, proclamar n'uma reunião republicana a necessidade *imediate* da revolução, para depois desaparecer da vida activa da politica, voltando agora quando lhe cheirava de novo a revolução, não era justo que nos termos *mais suaves*, afinal, o sr. Homem Christo desse a impressão de que não havia coisa alguma que justificasse a canonisação d'esse cavalheiro?

Não conhecemos o sr. Botto Machado. Mas dizendo-se o sr. Botto Machado *anarchista*, não era ridiculo que até com um *anarchista* se manifestasse a idolatria republicana, e que o *anarchista* consentisse em ser objecto d'essa idolatria?

Que espirito democratico é este? Luiz Derouet era o tal que não perdia occasião, ha perto de dois annos, como já se referiu n'este semanario, d'apedrejar do *Jornal de Abrantes* o sr. Homem Christo, sem que este respondesse á provocação. Tratava-o agora o *Povo de Aveiro* com leves ironias? Que motivo era esse para a resposta insolente que Derouet deu no *Jornal d'Abrantes* ao sr. Homem Christo? Porque o *Jornal d'Abrantes* respondeu com verdadeiras insolencias, ás quaes o sr. Homem Christo, n'um artigo intitulado *Um Luizinho*, ainda respondeu, em 24 de fevereiro, brandamente. Ora vejamos.

Eis o pequenino artigo:

«Mettam-se na cabeça d'um patetinha que dá pelo nome de Luiz Derouet, especie d'anjo papudo da egrejinha do Mundo, e ao mesmo tempo pagem, ao que parece, do sr. Affonso Costa, que o tinhamos tomado a sério como figura valiosa do republicanismo indigena e diz-nos que *he' namos sem duvida dizer as ultimas, como é costume nosso sempre que algum discorda da nossa opinião ou nos retruca mais azedamente.*

Não, pateta, não. Patetinha das duzias. Temos mais que fazer, por um lado, e pelo outro. O Luizinho tornou-se tão ridiculo em vir a campo armado de ponto em branco pelas inoffensivas palavras que dissémos aqui a seu respeito, e escreveu tanta baboseira, que nos ariscaámos a cahir também no ridiculo se dessemos ao Luizinho maior importancia do que aquella que o Luizinho merece. Vemos que os da egrejinha dêram uma casca dos diabos. Já sabiamos. Mas eis, na quichotesca e asnatica arremetida de Luizinho, a prova real. Muito bem. Isso basta-nos. Continuaremos na primeira occasião. Esteja certo, Luizinho! Esteja certo. Mas embora não estejamos dispostos—agora menos do que nunca—a pôr de parte o Luizinho como symbolo das egrejinhas republicanas, ao Luizinho, propriamente, não queremos mal nenhum. Pelo contrario. O nosso desejo vehemente é que Luizinho conserve a aureola virginal que o ha de levar, como prophetisámos, á corte dos céos.

Não senhor. O Luizinho ha de ter centro republicano, porque não é menos do que os outros. Antes é mais. Pelo menos no retrato. Não conhecemos o preclaro cidadão. Mas pelo retrato é o republicano mais lindo da republica nacional. Ora saiba o Luizinho que a for-

medida foi sempre uma das melhores condições de canonisação.

Reciba os nossos parabens e os nossos votos de felicidade.

Fica contente o Luizinho? Não podemos ser mais dóce, mais amavel.

Se não fica contente, então só ha um remedio. Vá... até Palmella, que são bons ares. E ha de ver que volta de lá refrescado e... regalado.

Adeus, Luizinho, adeus.

Até quando calhar.

Mas que pateta! E como ficamos ansioso pelo dia em que o nosso prezadissimo amigo Bernardino Machado ha de conduzir mais este lumiar da egrejinha do Mundo á immortalidade!

Depois das insolencias do artigo do *Jornal de Abrantes* isto era quanto de mais moderado se podia escrever.

Taes foram as origens da questão, que muitos dos actuaes leitores do *Povo de Aveiro* desconhecem por inteiro, e de que outros muitos já se não recordam com a necessaria precisão, pedindo-nos sobre ellas, todos os dias, esclarecimentos. Ficam agora satisfeitos os seus desejos.

A pendencia filiou-se n'uma questão de principios, como se tem filiado todas para nós. Duas correntes se estabeleceram contra o sr. Homem Christo. A corrente dos patifes completos, nos quaes se manifesta descaradamente, infamemente, vilmente, todo esse desgraçado espirito de quadrilha, de bandidismo, que tem sido um dos tristes apanagios da raça portugueza. Para esses, é muito bem feito tudo quanto succede ao sr. Homem Christo. Para esses, o sr. Homem Christo continua a ser um *vendido á monarchia*. Que se não tenha pena d'elle, que a monarchia *lhe dará ás escondidas o que lhe arranca ás claras*. E a corrente dos patifes incompletos, e dos tolos, nos quaes predomina essa outra manifestação atavica de estupidez e covardia civica, também infeliz, também triste, que igualmente nos tem marcado como um estigma de raça atravez da historia. Estes lamentam a situação do sr. Homem Christo. Mas que foi elle que a creou! Mas que elle teve sempre o mau sestro de não poupar as pessoas! Mas que elle se devia ter dedicado exclusivamente á propaganda de doutrina, em que era *emerito*!

Famosa estupidez, famosa covardia, e como aquelle homem tem sido mal comprehendido!

princípio quiz-se impôr á má cara, como conselheiro.

A vaidade *jacobina*, sentindo-se ferida, *repontou*. Bernardino Machado, então, mudou de processo, substituindo ao vicio conselheiro e vicio eleicoeiro. Deixando d'irritar a vaidade *jacobina* passou a *afaga-la*, a *lisongea-la*. Encolheu as garras. Procurou, mais do que nunca, pôr em relevo a sua *santidade*. E, assim, tomou posse em pouco tempo dos que ao principio maior azedume tinham mostrado contra elle.

O sr. Homem Christo nunca, espontaneamente, procurava Bernardino Machado. Só se era solicitado por elle. Mas Bernardino Machado procurava-o muitas vezes. D'este modo, o sr. Homem Christo teve fartas occasiões de estudar Bernardino Machado. E começou a vêr que, dizendo-se Bernardino Machado pedagogista, e sendo exaltado como tal pela ignorancia e charlatanice do rabiscador nacional, Bernardino Machado não tinha educação, nem orientação, nem profundidade, nem criterio de pedagogista. Que, sendo Bernardino Machado professor de anthropologia, além de ser pouco pontual e zeloso nas suas obrigações profissionais, começando a aula sempre tarde e faltando muitas vezes, era muito mais um anthropologo romantico que um anthropologo scientifico, discursando e expondo bem na parte d'essa sciencia que se presta ao discurso, mas muito superficial na parte pratica e positiva. Emfim, que tendo um certo numero de conhecimentos geraes não era profundo em coisa nenhuma.

Pelo lado moral, reconheceu-lhe gravissimos defeitos a par de varias virtudes. Houve em Coimbra um administrador do concelho que foi encontrado n'uma loja a roubar, apanhado em flagrante, ou pouco menos, com as mãos dentro da gaveta. Bernardino Machado foi um dos que empregaram esforços para que sobre esse caso vergonhoso ficasse corrido o *véo impenetravel*. Houve em Coimbra um commissario de policia que commetteu os maiores attentados, diz-se até que verdadeiros crimes. Bernardino Machado desenvolvia toda a sua *grande actividade* em influir sobre parte da imprensa republicana para que o *véo impenetravel* continuasse cahido sobre as proezas do illustre commissario. E assim por deante.

Cordealidade, piedade, amor, paz, como se dizia, e como elle dizia, pois que estas palavras já na bocca d'elle chegavam a ser um estribilho? Nunca comprehendemos como no coração do homem justo se alberga o innocente e o criminoso, o bom e o mau, o honrado e o patife. Essa mistura *cordeal* nunca nos pareceu a melhor prova de bondade. Já não diremos de justiça. Entretanto, poderia ser, se Bernardino Machado tivesse a mesma cordealidade, a mesma piedade, o mesmo amor com toda a gente. Mas não tinha. Pelo contrario, era feroz com quantos o contrariavam ou lhe resistiam.

Eis a gravidade, eis o perigo para a causa democratica do paiz.

O sr. Homem Christo notava dia a dia quanto o espirito de facção era profundo em Bernardino Machado. Notava quanto era falso o tal sentimento de cordealidade e d'amor que elle se attribuia e que os outros lhe attribuiam. Notava que o seu proposito firme era submeter ou annullar aquelles

que se oppossem ao seu proposito de ser o primeiro ministro do paiz.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus filhos, e que os seus filhos eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus empregados, e que os seus empregados eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus amigos, e que os seus amigos eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus inimigos, e que os seus inimigos eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus concidadãos, e que os seus concidadãos eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus concidadãos, e que os seus concidadãos eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus concidadãos, e que os seus concidadãos eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus concidadãos, e que os seus concidadãos eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus concidadãos, e que os seus concidadãos eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus concidadãos, e que os seus concidadãos eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus concidadãos, e que os seus concidadãos eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus concidadãos, e que os seus concidadãos eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus concidadãos, e que os seus concidadãos eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus concidadãos, e que os seus concidadãos eram todos idiotas.

Notava que o sr. Homem Christo nunca se preocupava com a educação dos seus concidadãos, e que os seus concidadãos eram todos idiotas.

que, a dentro do partido republicano, lhe resistissem, e exaltar, bons ou maus, aquelles que o seguiram. Esse homem, que se accendia em odios contra varios monarchicos ao passo que era de tanta cordialidade para com outros, esse homem, sempre implacavel contra bons republicanos que se negavam a reconhecer a sua omnipotencia e a sua omniscencia, e tecendo os maiores louvores, e abrindo os braços, e proclamando como puros, como virtuosos, outros que eram verdadeiros bandidos, esse homem, lançado cegamente na onda das egrejinhãs, esse homem, cujas manhas já empolgavam e venciam os que lhe haviam resistido, não tinha as precisas qualidades intellectuaes nem moraes para chefe d'um partido que se dizia representar a democracia portugueza. Esse homem seria um perigo á frente d'esse partido, sobretudo sendo os da sua facção, que elle queria converter em facção dominante, em parte puros salteadores. Seria a perda certa do partido republicano. E, por amor dos principios democraticos, aos quaes toda a sua vida rendeu fervoroso culto, entendeu o sr. Homem Christo, sem investir abertamente com Bernardino Machado, antes tratando-o com accentuada deferencia, soltar o grito de alarme. E soltou-o. Para a corrente dos patifes incompletos e dos tolos, egoistas incapazes do mais pequenino sacrificio, pusillanimes que se aterrorisam com o menor acto de resistencia seria, gibias para quem a vida se cifra n'uma commoda digestão, clamar agora que foi o seu sestro de implicar com todos que o perdeu e que se deveria ter dedicado exclusivamente á propaganda de doutrina.

Mas era isso precisamente o que Bernardino Machado proclamava e pretendia! Mas é isso, precisamente, o que proclamam e pretendem todos aquelles que em politica desejam chegar a um fim, bom ou mau! Na verdade, proclamar doutrinas não faz mal a ninguém. Mas proclamar doutrinas e fechar os olhos aos manejos dos especuladores, equivale a pôr trancas na porta depois d'ella roubada. Sempre o fundo velho e estúpido da palermice nacional! Sempre o vicio da compadrice iniqua ou lórpa! Sempre este estigma de covardia collectiva que tanto nos tem caracterizado!

Como se aggravou o conflicto

Ao pequeno artigo *Um Luizinho* respondeu Derouet com maiores e mais grossas insolencias, reproduzidas no *Mundo* no dia immediato áquelle em que sahiram no *Jornal d'Abrantes*. Esta participação do *Mundo* vinha indicar duas coisas: primeira, que estavam em face d'uma verdadeira conjura, em que entravam os elementos da facção que o *Mundo* representa; segunda, que a conjura, attendendo a que se repetiam ha mais d'um anno as provocações de Derouet no *Jornal d'Abrantes*, vinha de ha muito preparada. Sem isso, limitada a questão,—e d'ahi não deveria ter sahido—ao *Povo de Aveiro* e ao *Jornal d'Abrantes*, o sr. Homem Christo não haveria replicado. Foi a intervenção do *Mundo* que o levou a responder.

Sahiu a resposta, sob o titulo *Por Uma Só Vez*, no *Povo de Aveiro* de 10 de março, e é tão conhecida que inutil se torna agora reproduzi-la, no todo ou em parte. Lembrem-se só que n'essa resposta era abrangido o sr. Bernardino Machado, tanto o sr. Homem Christo estava n'essa occasião convencido da participação d'esse cavalheiro, cuja intolerancia e odio de facção conhecia de sobejo, na conjura odiosa. Foi, pois, com pasmo que viu entrar em sua casa um amigo seu a tentar a conciliação. Disse-lhe este que Bernardino Machado estava muito maguado com tudo, e, especialmente, com o facto do sr. Homem Christo o julgar connivente na trama.

O quê? Seria possível?

Respondeu o sr. Homem Christo que nenhuma duvida teria em

falar a Bernardino Machado, se este, na verdade, estava fóra da trama.

O individuo a que nos referimos sahio, e voltou d'ahi a pouco dizendo que Bernardino Machado não só pedia ao sr. Homem Christo que fosse a sua casa, como teria prazer em conversar com elle.

Este ponto é importante, porque serve para explicar varios factos. Explica, primeiro, que o sr. Homem Christo não tomou a iniciativa de se approximar de Bernardino Machado, nem deu um passo para isso sem ser solicitado. Explica, segundo, o motivo porque o sr. Homem Christo, que alimentava tantas desconfianças sobre Bernardino Machado, passou, de repente, a depositar n'elle a mais absoluta confiança. Pois não era caso para isso? Um homem que põe de parte agravos, para tentar a conciliação entre terceiros, tem grandezza, se é sincero. E, n'aquella altura, seria demais duvidar ainda da sinceridade de Bernardino Machado. O sr. Homem Christo não duvidou. Não só não duvidou como lhe pareceu, pela primeira vez, que tinha sido injusto com todas as suas duvidas anteriores. Evidentemente, aquelle homem, apesar de denunciar ás vezes actos maus, era um bom, como se apregoava! E explica, terceiro, a indignação que se apoderou por fim do sr. Homem Christo contra Bernardino Machado, quando os acontecimentos acabaram de provar que Bernardino Machado não tinha feito outra coisa senão logralo. Por isso mesmo que Bernardino Machado se approximou d'elle, apparentando generosamente espirito conciliador, em seguida a um artigo em que era, não só melindrado como aggravado, por isso mesmo mais tremendas são as suas responsabilidades e mais justificada a legitima indignação do sr. Homem Christo contra Bernardino Machado. Coisa celebre! E' também *espontaneamente*, apparentando *generosidade*, que Bernardino Machado se apresenta—pois não chegou a ser intimado—perante o *conselho superior de disciplina do exercito*. E *espontaneamente*, *generosamente*, Bernardino Machado, dando a todo o mundo a impressão de que só foi depôr perante os inquisidores fardados no proposito de salvar o sr. Homem Christo, só lá foi, no fundo, com o proposito deliberado de acabar, como acabou, de o enterrar. E' espantoso! Mas é verdade!

O que se seguiu é do conhecimento geral. Ao artigo *Por uma só vez* respondeu França Borges em mais do que um artigo e Affonso Costa n'uma carta. O proposito de anniquilamento do *Povo de Aveiro* e do sr. Homem Christo ficou desde o principio denunciado. Quiz-se pôr em pratica contra o *Povo de Aveiro* o processo que se poz em pratica contra o *Seculo*, isto é, levar os leitores avulsos e assignantes a abandonar-nos. Como se viu que esse processo, contra nós, não dava nada, mudou-se de tactica e recorreu-se—recorreu um chefe republicano!—ao regimen inquisitorial introduzido pelos partidarios do engrandecimento do poder real, contra o espirito democratico, no *Codigo de Justiça Militar* e no *Regulamento Disciplinar* do exercito. Como se sabe, foi o sr. Pimentel Pinto, no ministerio de que fez parte Bernardino Machado, o creador d'esse tribunal odioso que se chama *Conselho Superior de Disciplina do Exercito*. Pimentel Pinto creou-o torto. Moraes Sarmento, reformando-o em sentido mais reaccionario, acabou de o aleijar.

Na primeira carta, Affonso Costa dizia que não garantia ao sr. Homem Christo a impunidade. Que sob esse aspecto reservava todos os seus direitos e que estava bem convencido de que havia de ter de exercê-los em breve. Era uma ameaça de duello? Não. Era uma ameaça de pancada. Duellos, sabia muito bem Affonso Costa, como o disse na carta seguinte, que o sr. Homem Christo não aceitava. Ameaça de duellos não se faz n'aquelles termos. A

Homem Christo, mandando-lhe a logo apoz o artigo do *Povo de Aveiro*—*Por uma só vez*—foi publicado. Accresce que Affonso Costa prometia n'essa carta *outras cartas*.

Alguem interveio e lembrou o outro processo. Com a penna na mão seria inutil lutar com o sr. Homem Christo. O proprio Affonso Costa reconhecia n'esse ponto, na primeira carta, a força do seu adversario. Se o sr. Homem Christo não fosse militar, para que provocalo a procurar Affonso Costa? Tão obrigado ficava elle a procurar Affonso Costa como Affonso Costa a procura-lo a elle. Era pela força das injurias de Affonso Costa? Poderia o sr. Homem Christo, que sabe manejar a penna, responder com injurias mais graves e mais sensacionais e já era depois Affonso Costa que ficaria na contingencia, se quizesse, de o procurar a elle. Além do recurso das injurias, que está ao dispôr de todos, tinha o sr. Homem Christo a seu favor o recurso das razões e dos factos e d'esse recurso saberia tirar o maximo proveito. Evidentemente, não seria no campo da imprensa que Affonso Costa tiraria vantagens, liberto o sr. Homem Christo da canga militar.

Mas o sr. Homem Christo era militar. E era odiado, pelo seu espirito democratico, nas altas regiões monarchicas, anciosas, ha muito, por um pretexto para o serem fóra dos quartéis, onde era considerado maior perigo que todos os chefes republicanos a berrarem no parlamento, nas ruas e nos jornaes. Sendo militar, um artigo fortemente injurioso era de efeito seguro. Ou o sr. Homem Christo recorria ao duello, ou não recorria. Se recorria, eram duas balas trocadas a 20 ou 25 passos, *sem resultado*, como é do estylo. Em Portugal, como, de resto, nas mesmas condições, em quasi toda a parte. E, por isso, o general Negrier, no duello com o general André, atirava para o ar, pois na sua opinião não era sério o duello nas condições em que elle se realisa sempre em Portugal. Recorria o sr. Homem Christo a duello? Prestava-se á mascarada do costume, com a circumstancia aggravante de ter andado largos annos a combater o duello. Passaria por esse cheque. Não recorria? Estava o *homem entalado*, na guilhotina do despotismo que tanta rhetorica tem feito depender aos *nossos democratas*.

Emfim, como acto de banditismo bem pensado. E o que se seguiu é, repetimos, do conhecimento geral. Bernardino Machado encaminhou tudo muito bem. Até á solução final, isto é, até á celebre sentença em que o directorio deu por *injustas* as accusações dirigidas ao sr. Affonso Costa. Injustas e, no fim de contas, eram os magnates republicanos que as vinham, ha muito tempo, affirmando em toda a parte! Injustas, e era o proprio Bernardino Machado quem—sabe-o muita gente—dizia, antes de se declarar republicano, em Coimbra, as ultimas coisas contra Affonso Costa. O immaculado Bernardino! Injustas, e bastava o caso de Affonso Costa não ter consentido que Silva Graça publicasse a celebre carta com que este o ameaçou para que isso ficasse constituindo uma accusação tremenda contra elle!

Nunca o sr. Homem Christo teve intenção de recorrer á heranças Esteves Ribeiro, nem a factos semelhantes, para accusar o sr. Affonso Costa. Bastavam-lhe os factos de natureza politica, puramente politica, comprovados por varios documentos de que o directorio não precisou, porque nem os pediu, nem perguntou se elles, porventura, existiriam, nem ouviu ninguém para traçar a sua... sentença soberana. O directorio d'um partido de democracia, isto é, d'um partido que tem por evangelho a justiça, a verdade, e por lemma a liberdade, a egualdade, a fraternidade. E arvorado em tribunal de honra. Oh, quanto é desoladora, asphyxiante, pavorosa, a mentira humana!

Mas bem. Passemos a outro

ponto. Vejamos como funcionou a guilhotina, armada, a requerimento dos corypheus da democracia portugueza, para guilhotinar um homem cujo maior crime é ter tido a velleidade de ser, n'este paiz, um democrata.

O Conselho Disciplinar

Funciona, como é sabido, com cinco generaes, os cinco generaes de divisão mais antigos do quadro. A porta fechada. Sem testemunhas, sem defensor para o réo, sem documentos, sem nada. Se lhe apraz ouvir alguém, para esclarecimento da verdade, ouve. Se não lhe apraz, não ouve. Peor que na inquisição. O tribunal da inquisição tinha a tortura, testemunhas falsas, etc, mas guardava as formulas da justiça. Este não tem... nada. Salvo a condemnação, que é sempre certa. Sempre certa. Nem, á face dos *bons principios militares*, deveria, poderia, deixar de o ser. E' axioma na vida militar *que quem manda manda bem*. Ora quem manda reunir o conselho superior de disciplina do exercito é o ministro da guerra. Quem faz a accusação, sempre carregada como na municipal, é o ministro da guerra, ou, em seu nome, o director geral do ministerio, o que dá o mesmo resultado. Poderá, á face dos bons principios, ser absolvido o accusado? Seria um attentado!

Obra muito mais açada, mais completa, mais perfeita que na Santa Inquisição, onde, de vez em quando, se absolvía alguém.

Foi no dia 1 de abril a primeira reunião. Para quê? Para se dar ao accusado uma copia da accusação. Mais nada!

Foi no dia 12 de abril a segunda reunião. Para quê? Para se ler a defeza escripta, que, na vespera, havia apresentado o accusado, e dirigir a este varias perguntas sobre alguns pontos da defeza e da accusação. Perguntas estupidissimas, algumas d'ellas, principalmente, as d'um excellentissimo general. Aliás muito delicado. Ainda mais delicado do que o sr. dr. Bernardino Machado, seu amigo, ao que se diz. Não lia uma unica vez o titulo da carta do illustre Affonso Costa que não pedisse desculpa ao accusado. Que no fim condemnou com o maximo da pena! O unico que a tanto se atreveu. Apesar de ser amigo do sr. dr. Bernardino Machado!

Insistia-se sobre dois pontos, segundo nos referem. Como se sabe, impõe sigillo a justiça militar. Mas as paredes, é bem certo, tem ouvidos. E, assim, tudo se sabe!

Insistia-se sobre dois pontos: porque não tinha o accusado requerido a convocação, como a lei permite, do conselho disciplinar? Era, realmente, pena ter falhado essa scena na tragedia. O accusado a requerer a reunião do conselho disciplinar e a ser em seguida condemnado, podendo o ministro dizer, podendo todos, incluindo o sr. dr. Bernardino Machado, e no ar tão santo e piedoso d'este cavalheiro: *a culpa foi d'elle, que requereu a reunião do conselho disciplinar*, seria o fecho condigno da peça magistral. Que pena, que pena ter falhado! Na verdade, na verdade, era caso para os generaes se lastimarem. E, também, o sr. dr. Bernardino Machado!

Outro ponto: porque se sujeitou á decisão do directorio do partido republicano? Não sabe que a lei impõe obediencia ás instituições politicas do paiz e a de ser fiel ao rei?

Impõe. O accusado sabia. Mas também a lei castiga os que injuriam e desacreditam aquelles que se não querem bater em duello. E, no fim de contas, o accusado era injuriado, desacreditado e, por esses mesmos que o injuriavam e desacreditavam, ainda por cima castigado. Se é dado faltar á lei n'um ponto, é dado faltar á lei em tudo. Ou não ha logica. Ou não vigora o regimen da razão. Vigora o regimen da força. Escrevia o accusado!

E accrescentava verbalmente, mas logo pelo secretario reduzido a auto: «Declaro que sempre fui republicano. Sempre assumi e assumo essa responsabilidade.»

O general, amigo do sr. dr. Ber-

nardino Machado, estava radiante. Como o deveria estar Affonso Costa e Bernardino Machado. Preso por ter cão, preso por o não ter. O sr. Homem Christo ou seria condemnado por ser puiha, se recusasse, ou hesitasse nas suas declarações, ou seria condemnado por ser digno, fazendo-as nobre e francamente. Radiantes! A ratoeira estava bem armada! Por malha nenhuma o *traidor* seria capaz de se escapar. Escapava pela malha de provar que havia empregado os meios necessarios para se desaffrontar? Não escaparia pela malha das suas ousoas das declarações republicanas e revolucionarias. Feitas alli, nas bochechas dos velhos generaes! Imagine-se a irritação d'alguém, quando o soubesse!

Foi a terceira reunião no dia 18. Mas n'esse dia não teve o accusado a honra de ver a cara, sequer, aos seus juizes.

A uma hora e um quarto da tarde compareceu no tribunal o sr. dr. Bernardino Machado. Espontaneamente, cordealmente, como era proprio do seu elevado caracter! Muito espontaneamente, muito cordealmente. Como elle é bom, diria toda a gente! Não foi intimado! E corre espontaneamente a defender a victima, a salvar o innocente!

O que se passou? Não se sabe! Ah, mas como nós seriamos capazes de jurar, pela vida de nossos filhos, que tanto amamos, que os factos se deveriam ter passado, com pequena differença, d'esta fórma.

Bernardino entrou. E cavaqueou. — Olha lá, ó Bernardino, tu escreveste ou telegraphaste ao juiz Veiga?

Bernardino, fala mansa, o ar de piedade da sua santidade, dando ao rosto o aspecto dos devotos em sexta feira da paixão:

— Não!
— E não prometteste mostrar a sentença ao ministro da guerra?

— Não!
E depois, sempre fala mansa, sempre ar de piedade da sua santidade, entraria na psychologia e na physiologia do accusado, relatando factos inteiramente estranhos ao caso, lastimando-o, mais deprimindo-o, rebaixando-o, accusando-o. Em notas sutis, ligeiras, mas impressionantes.

Vamos jura-lo. Sim, vamos jura-lo!
Seria o cavaco. Que não se reduziu a auto. Depois do cavaco, então a parte escripta, insignificante!

Vamos jura-lo!
Sahiu. O capitão Homem Christo não foi chamado, para ser novamente ouvido, para ser acareado, para se lhe perguntar se tinha, visto que era aquelle o ultimo dia de julgamento, alguma allegação final a apresentar em sua defeza.

Sahiu. A' sahida viu um passarinho enleado. Correu a solta-lo, com toda a sua cordealidade. Viu um gato coxeando. Arregaçaram-se-lhe as faces de dôr, confrangeu-se-lhe o coração. Pobre bichano! Os brutos também soffrem, como os homens! E andou. Emquanto o capitão Homem Christo era condemnado, inquisitorialmente, pelos monarchicos, mas a requerimento dos representantes *mais puros*,—como taes proclamados pelo grosso do partido republicano portuguez—da liberdade, da egualdade, da fraternidade!

O Traidor!
O vendido á monarchia!

Ao fim de trinta annos de trabalho honrado, gratuito fóra do quartel, mal remunerado dentro do quartel, onde o capitão Homem Christo trabalhou em cada dia dez vezes mais do que a lei lh'o exigia, trinta annos consumidos n'um esforço sincerissimo e herculeo pela verdade, pela luz, pelo progresso d'esta terra, ao fim de trinta annos de luctas, de sacrificios, de baldões, republicanos e monarchicos só lhe dão como recompensa o direito de morrer de fome, e o labéo de traidor, e o labéo de covarde.

Quadrilhas! Quadrilheiros!
Tem-se visto a facilidade com que jornaes e agremiações republicanas defendem correligionarios accusados dos peores crimes pela justiça publica. Assassinos, falsarios, ladrões. Tudo calumnias! Tudo vinganças! Todos homens honrados! Ser assassino, ser falso, ser ladrão, não é crime, quando se tenha sido fiel ao espirito

de qualrilha. Crime é só a pretenção da independência! E' só a audácia da verdade!

Era assim nos monarchicos. Tem sido assim, rigorosamente, nos republicanos.

Quadrilhas! Quadrilheiros!

O que a infamia commettida contra o sr. Homem Christo sobretudo demonstra é que o sangue do antigo banditismo nacional continua a girar, vivo e puro, nas gerações actuaes. E' que por baixo da sobrecasca ou da farda de qualquer que no nosso tempo é considerado o mais cordeal, o mais digno, o mais santo, bate um coração de salteador ou de inquisidor. E' que, ao contrario do que sustentam a cada passo os quadrilheiros, a propaganda democratica, a propaganda dos bons principios, não só não está feita como, verdadeiramente, ainda não começou, e que, sem ella, sem uma intensa e extensa educação que reabilite o caracter nacional, inutil se torna qualquer acto revolucionario,—que não será mais que um acto de banditismo,—a favor da decantada regeneração nacional.

Esteril! Contraproducente! Inutil!

O que fará agora

o sr. Homem Christo

Tem-se dicto muitas coisas, umas com fundamento, outras sem elle.

Não ha duvida que o sr. Homem Christo está resolvido a pedir a sua demissão, e pedi-la-ha. Não como protesto. Não por se sentir manchado. Não porque o vencimento da reforma lhe pareça uma esmola. Não faltava mais nada! Não, não. Protestar, protesta. Protestará até morrer. Simplesmente, sendo o exercito da nação, não o tendo honrado ninguém mais do que o sr. Homem Christo o honrou, não tendo ninguém trabalhado mais dentro d'elle do que o sr. Homem Christo trabalhou, protestar com a demissão, admitir a *mancha* ou a esmola, seria reconhecer implicitamente que o exercito é d'um homem, d'uma oligarchia, d'um partido, e não do povo portuguez. Não, não. O sr. Homem Christo ainda não deixou de pensar com lucidez.

O sr. Homem Christo pedirá a sua demissão simplesmente para ficar com completa liberdade d'acção. Mas, por isso mesmo, só a pedirá quando tiver garantidos os meios de subsistencia. Ou seria estúpido fugir d'uma dependencia para cair n'outra dependencia maior, a mais horrorosa de todas, a dependencia da miseria absoluta, da miseria extrema.

Deve-se attender a que a republica tem servido a uns para enriquecer e a outros para empobrecer. Quando o sr. Homem Christo previa nitidamente no *Povo de Aveiro* a evolução de Silva Graça e do *Seculo*, levantava-se voz em grita contra elle a turbamulta partidaria. Como depois, quando este jornal era processado e o seu editor mettido na cadeia pela campanha do nosso semanario contra os grandes escandalos da camara municipal de Lisboa. Como hoje. No entanto, Silva Graça vai-se tornando millionario, Gomes da Silva governou-se, e Affonso Costa enriqueceu.

O traidor, coitado, traidor quando atacava Silva Graça e o *Seculo*, quando atacava e deixava atacar Gomes da Silva e a camara municipal de Lisboa, quando atacava Affonso Costa e Comp.^{ta}, foi gastando, nas luctas da vida, a maior parte do pouco que tinha, e hoje, tendo já completado trinta annos de serviço, mas sendo-lhe descontados os mezes em que esteve na inactividade temporaria para servir a Republica, e hoje, podendo d'aqui a pouco ser reformado a seu pedido, com bello soldo, em coronel, é reformado violentamente, a requerimento de Affonso Costa, Bernardino Machado e quejandos, em capitão, descendo do seu soldo actual, 70.000 reis, conta redonda, a 44.000 reis mensaes. E n'estes magros cobres estacionará, se não pedir a demissão, até á morte!

Como se vê, é preciso ganhar a vida. Como? Deus dirá, para nos servirmos agora da phrase popular.

Na certeza, sómente, de que, emquanto tiver folego, não arredará um passo do caminho ha tantos annos encetado e trilhado.

Todos os grandes homens d'este

paiz tem dado o exemplo da abdicção e do desanimo. Não o dará o sr. Homem Christo, que não é um grande, mas um pequeno homem. Fugiram horrorizados, d'esta sociedade idiota e má, Passos Manuel, Alexandre Herculano e alguns outros. Abdicaram tristemente Marianno de Carvalho e Emygdio Navarro, depois de se manterem alguns annos n'um campo intransigente e honesto. Não fugirá, não abdicará, talvez por ser mais pequeno, o sr. Homem Christo. Não fugirá. Não abdicará. Estejam certos. Ou antes, fugirá, se a tanto o obrigar a terrivel lucta da vida. Mas, n'esse caso, d'esta vida. E de mais nada. Unico caso. Esse mesmo improvavel, não fugirá. Não abdicará. Nem mudará. Sem retaliações peasones sobre este caso, que fica hoje liquidado, passando já no proximo numero o *Povo de Aveiro* a tratar as suas questões doutrinaes, o sr. Homem Christo manterá os seus processos inalteravelmente. Espalhando idéas, defendendo principios, e, em nome das idéas e em nome dos principios, fustigando os especuladores, que comprometterem idéas e principios. Escreverá, nas horas livres da sua labutação pela vida, já que, infelizmente, n'este paiz ninguém pôde viver da penna, o livro sobre militarismo, em que se fala. Perdoem a immodestia: e hade ser memoravel! Escreverá, nas mesmas condições, a historia das suas relações com o partido republicano desde 1880. Perdoem outra vez, que outra vez dizemos: e ha de ser memoravel! Oh, sim! Ha de ser memoravel! E continuará colaborando no *Povo de Aveiro* como até aqui.

Quem o quiser ajudar que o ajude, quem não quiser que o abandone. Só ou acompanhado, com auxilios ou sem elles, o seu rumo será o mesmo: para a frente, para a frente, pela verdade, pela justiça, pela luz, pela mais pura, mais leal, mais sincera democracia. Pela redempção d'aquillo que, sem rhetorica e sem injuria, se pôde chamar, realmente, usando do termo já consagrado: *a pobre besta popular!*

Quem o quiser ajudar que o ajude, quem não quiser que o abandone. Só ou acompanhado, com auxilios ou sem elles, o seu rumo será o mesmo: para a frente, para a frente, pela verdade, pela justiça, pela luz, pela mais pura, mais leal, mais sincera democracia. Pela redempção d'aquillo que, sem rhetorica e sem injuria, se pôde chamar, realmente, usando do termo já consagrado: *a pobre besta popular!*

Transcrições

Sob o titulo—*Logicos*—lê-se na *Vida*, jornal anarchista, de 7 do corrente:

«O sr. Homem Christo, director politico do *Povo de Aveiro*, é um republicano *double* de militar profissional. Dentro da logica que a sua acção intellectual e moral devia accentuar como expressão correspondente a esses dois factores typicos da sua personalidade é, porém, uma contradicção viva. Por temperamento, por educação, o espirito do jornalista abraça um campo doutrinario mais vasto do que convem á disciplina dos militantes da Republica e dos heroicos profissionais da guerra...

As suas idéas largamente deffendidas nas columnas do jornal que tão brilhantemente redige, não se ajustam ao restricto criterio das formulas democraticas que os dentistas jacobinos pr'ahi impingem, e os principios generosos e humanitarios que proclama não cabem na especial cerebração dos seus camaradas de caserna. Todavia, com boa fé, com sinceridade manifestas, o capitão Homem Christo julgou achar um facil terreno d'entente em que podesse firmar as bases de uma propaganda oasada, tentando coordenar elementos antagonicos e conservadores n'um objecto revolucionario de certa importancia social. A democratização do exercito, as escolas de soldados, a organização revolucionaria do partido, etc, etc, denunciavam flagrantemente uma ingenua preocupação em achar soluções praticas imediatas, ao pavoroso descalabro a que chegou o funcionamento da administração nacional.

Defendeu a vida do pobre soldado, increpando os chefes militares pela incuria criminosa que caracterisa a direcção d'um exercito que a sua pena nos fez vêr á luz d'uma critica severa e implacavel e onde a parte valida da juventude portugueza se inutilisa na porcaria, no ocio, no vicio e na ignorancia.

Censurou violentamente a crueldade e a inflexivel dureza dos officiaes para com os seus inferiores, accentuando o perigo social d'esse e d'outros factos de caracter egualmente odioso, observados dia a dia na vida dos quartéis que conhece tão a fundo.

Em nome de principios generosos que desmentiam a posse dos seus largos galões d'official superior, insurgiu-se contra a formula medieval dos duellos, superfectação barbara e anti-humana de velhas usanças que envergonham um seculo de civilização. Inimigo da guerra, inimigo do sangue, inimigo da injustiça, inimigo da tyrannia, a sua penna sempre prompta e dextra produziu soberbos libellos que um revolucionario ás direitas não desdenharia subscrever.

E a despeito de tudo isto, continuava a ser militar!

Eis o erro. Como pôde o largo espirito d'um homem de idéas avançadas, generosas, humanitarias, aceitar o odioso cargo inherente á dignidade dos seus galões de professional militar?

N'uma profissão que constitue a negação formal de tudo o que o seu cerebro pensava, de tudo o que a sua consciencia sentia, de tudo o que a sua vontade formulava, suppoz a boa-fé do sr. Homem Christo poder achar uma sanção facil ás suas tentativas revolucionarias.

O sr. Homem Christo bem sabia que a instituição militarista não reconhece individualmente a posse d'um cerebro, d'uma consciencia, e d'uma vontade.

O que define a nobreza do homem livre é inteiramente obliterado pela dura letra do Regulamento, molde que reduz as entidades humanas a um typo uniforme, especie de automato que a simples inscripção d'um numero annulla e supprime.

Ora o sr. Homem Christo, como official na effectividade era um cooperador no mal que combatia...

Um cumplice feito acusador. E agora que n'um lance grave da sua vida de republicano, e de militar, insistiu na ingenua tentativa de coexistir os seus principios revolucionarios com o seu brio de official, teve de soffrir uma cruel desillusão.

Os seus irmãos d'armas, sabendo que o sr. Homem Christo, offendido publicamente pelo deputado republicano Affonso Costa se não batera em duello, voltaram-lhe as costas.

Elles é que foram logicos... Bem que odiosamente logicos!

EPIHEMERIDES DEMOCRATICAS

22 DE ABRIL.—D. João VI manda massacrar o povo amotinado na Praça do Commercio, no Rio de Janeiro, 1821.

23 DE ABRIL.—Os reaccionarios, que tentam afogar a republica hespanhola, são obrigados a depôr as armas em Madrid, 1873.

24 DE ABRIL.—Combate de S. Bartholomeu de Messines, favoravel aos realistas, 1834.

25 DE ABRIL.—A camara municipal de Lisboa aclama D. Miguel rei absoluto, 1828.

26 DE LISBOA.—As forças populares do Minho abandonam a posição da Ponte do Prado, 1846.

27 DE ABRIL.—São amnistiados todos os criminosos politicos, 1826.

28 DE ABRIL.—Capitulação do conde do Bomfim em Almeida, 1844.

Artigos photographicos. POR PREÇOS MODICOS. Vendem-os Felix, Filhos AVEIRO

HOMENAGEM

JOÃO DE DEUS

(Inédito de 1895)

VIII

«Será uma grande festa, Uma festa singular. Mas, se eu escapo d'esta, Tenho muito que contar.»

JOÃO DE DEUS.

Movido dos melhores intuitos o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro propoz a candidatura de João de Deus á Academia e consagra o n.º 17 da sua «Mala da Europa» ao poeta do *Campo de Flores*.

Respeitosamente lembramos ao cantor do *D. Jayme* que um maior serviço poderá ainda prestar ao auctor da «Cartilha Maternal». O sr. T. Ribeiro—restabelecidas que sejam as relações diplomaticas entre os gabinetes de Lisboa e do Rio de Janeiro—está indigitado para ministro de Portugal no Brazil; se a dedicação de s. ex.^{ta} por João de Deus não esfriar por causa da travessia do Atlantico, em chegando á capital federal poderá reclamar as providencias que dêvam pôr cobro ás fraudes accusadas pelo pedagogo:.....

«Aproveito a occasião de agradecer aos contrafactores residentes no Brazil a generosidade com que me ajudam, com os seus latrocinios, a pagar o que devo, assim como a lealdade com que deturpam a minha obra supprimindo a correspondencia!

Da parte da Imprensa Nacional, de Lisboa, está tambem agradecer-lhees a honestidade com que a calumniam, consignando-a como officina d'onde sahem as suas torpes falsificações.»

(Veja-se o prologo da «Cartilha Maternal»).

Eis-nos chegados ao, para sempre, memoravel dia 8 de março de 1895. Já assistimos aos centenarios de Luiz de Camões e do Marquez de Pombal, em 1880 e 1882. A glorificação—n'um homem ainda vivo—egual á que acaba de fazer-se a João de Deus—crêmos que ninguém a teve em Portugal até hoje—desde que entramos no regimen liberal.

Achavamo-nos no Terreiro do Paço quando o cortejo começou a pôr-se em marcha já debaixo de chuva; esta, porém, augmentou torrencialmente á chegada do prestito ao largo da Estrella. Chovia sempre. A desfilada em frente da casa do poeta—fez-se sob fortes bategas de agua. Sentimo-nos commovidos ao presenciar a heroica coragem com que a briosa mocidade das escolas, desde as elementares ás superiores, supportara tão rude provacação. Dir-se-hia que a Providencia quizera experimentar se aquelles rapazes (os das escolas elementares) se haviam prestado a um acto consciente e sincero ou se, apenas, de puro convencionalismo de quem lá os mandou.

Mas que iriam ali fazer as tenras creanças das escolas parochiaes, municipaes e da Casa pia? Não consta que em taes escolas (salvo alguma experiencia feita de má vontade—como em geral nas escolas officiaes—se ensine pelo methodo João de Deus. Mandaram então aquelles innocentes arriscar a saúde e a vida para prestarem homenagem ao poeta?

E' certo que a alta pedagogia official—negando a auctoridade de pedagogo a João de Deus—declara que este devia ser obrigado por justiça a fazer versos para as escolas; mas o poeta, discordando, diz, respondendo a um *pedagogão* que tem chalet no Estoril:

«Como são as minhas poesias as mais apropriadas para a eschola, se ellas são geralmente eroticas, embora no bom sentido da palavra? Diziam-me um dia, um membro da junta consultiva: manda-as á approvação, que eu fallo a F. e resolvemos isso. «Os meus versos não foram feitos para a eschola, e não merecem essa approvação. Talvez um dia tenham occasião de approvar os que merecem ser approvados.»

Mas se os alumnos das escolas municipaes e das outras escolas já nomeadas não aprendem a lêr e a

escrever pelo methodo de João de Deus e se na opinião d'este os seus versos não são apropriados para a escola primaria—não terá sido,—tal acto de convencionalismo—um verdadeiro crime praticado por quem mandou ao cortejo aquellas pobres victimas?

A comedia camararia não pôde ir mais longe:—borrar uma esquina com o nome do poeta, á semelhança do que se tem feito e continuará a fazer—a duzias de nomes de bolonios e de galopins eleitoraes—e eis tudo!

Comprehendemos agora a amarga ironia de João de Deus quando—ha um mez—alludindo ás projectadas festas—nos dizia: «O maior favor que pôdem fazer-me é deixar-me em paz.»

A justificar as palavras de desalento que ali ficam, recordamos estas outras com que João de Deus dava por terminada uma polemica que ha 15 annos (em 4 de março de 1880) sustentou com outro pedagogão:

«Acabou o carnaval... em prosa. Quando d'aqui a *meia duzia* de annos não houver em Portugal um unico analphabeto, a não ser reconhecido ou macrobio, então a critica volverá seus olhos arregalados para todos esses figurões que sem talento, nem sciencia, nem consciencia—se esforçaram por abafar, suffocar, desacreditar, infamar um instrumento de civilização, de que ainda todos os portuguezes se hão de orgulhar.»—(Ao leitor, pag. VII, vid. «A Cartilha Maternal e o Apostolado») — *Cartilha e a Critica*, pags. 236 a 239.

Sem quebra da fé democratica que professamos desde os 20 annos e na qual contamos morrer, não tenho duvida em declarar que o chefe do estado indo no dia 8 de março a casa de João de Deus offerecer-lhe as insignias da gran-cruz da ordem de S. Thiago—praticou um acto digno de louvor e que tanto honra ao rei como ao poeta.

Mas no decreto que concede aquella recompensa nacional a João de Deus, assignado por todos os ministros, diz-se que tal distincção foi dada ao «benemerito auctor da *Cartilha Maternal*—pelos relevantes merecimentos e serviços litterarios prestados ao paiz.»

Como se reconhecem—officialmente—os seus serviços?

O sr. ministro da guerra—o reformador do exercito—que providencias se dignou tomar para que o methodo de João de Deus seja adoptado nas escolas regimentaes?... Tem duvidas sobre a sua efficaçia? Digne-se então indagar do illustrado commandante de infantaria n.º 5. Em dezembro de 1893 deu-se o 65.º curso *novel* n'aquelle regimento e com a média de 49 licções 30 recrutas ficaram sabendo lêr e escrever.

Já em 1879 um dos mais briosos e distinctos officiaes que teve o exercito, o fallecido coronel Cunha Salgado, escrevendo a João de Deus, a proposito da «Cartilha Maternal», disse: «.....De todos os methodos conhecidos ficou elle sendo em meu conceito o mais accommodado ás escolas regimentaes...»—(Vid. «Deveres dos Filhos» 8.ª edição a pag. 166).

Na *Gazeta Militar* em 1880—n'um artigo epigraphado—*João de Deus e o exercito* o seu auctor pedia ao sr. ministro da guerra que tomasse officialmente obrigatorio o ensino pelo novo methodo nas escolas regimentaes.

O articulista concluia: «Espero enfim que um dia se fará justiça a João de Deus, e que o exercito lhe deva a grande concorrência ás suas escolas e a mais sólida base que a instrucção militar experimental do soldado pôde ter, que é a preparação pelo desenvolvimento intellectual.»

Decorridos 15 annos a «esperança» d'este illustrado official ainda não se realisou. Querirá o sr. ministro da guerra mandar a casa de João de Deus os instructores das escolas regimentaes, ao menos da capital, a ouvir as explicações do referido methodo?...

Orimisac.

(1895)

SAL.—O wagon de sal vende-se actualmente a 188000 réis posto na estação do caminho de ferro d'esta cidade.

MACHINAS "PFAFF,"

— E —

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Podem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes oferecem.
Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.*

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A-DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.
Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUYNER», e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA — SANGALHOS

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolven tambem estabelecer um servico de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuacão das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

AVEIRO NA RUA DIREITA LEMBRANÇA

Joaquim Ferrelra
Martins
(O GAFANHÃO)

vem lembrar aos seus amigos e freguezes que não deixem de fazer as suas encomendas do costume dos Gabões feitos no seu estabelecimento, pois que são os mais bem acabados e mais baratos, tanto para os Gabões como para roupas. Tem sempre um lindo sortido de fazendas.

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Chirurgica do Porto
CLINICA GERAL
Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora
R. dos Mercadores — AVEIRO

IMPRESSÕES DE VIAGEM

O QUE EU VI E OUVI
ATRAVEZ DO EGYPTO E DA
VELHA EUROPA

Vendem-se n'esta redacção, por 800 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correlligionario José de Souza Larcher.

TIPOGRAPHIA
— DO —
RODO DE AVEIRO
Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.
Especialidade em cartões de visita

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—18.ª ed., cart. 200 réis, broch.** 150
Album, ou livro contendo as lições da Cartilha Maternal em ponto grande 5\$000
Quadros Parletacs, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6\$000
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—1.8ª ed., cart., 200 réis, broch. 150
Guia prático e theorico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripita—cada caderno,** 80
Livros de polémica sobre o Methodo
A Cartilha Maternal e o Apostolado. 500
A Cartilha Maternal e a Critica. 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

- Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado),** 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.
Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.
Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripita.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

FÁBRICA DOS SANTOS MÁRTYRES

DE

CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.ª

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA
AVEIRO

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, ródé para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO